

LEILÕES DE ARTE

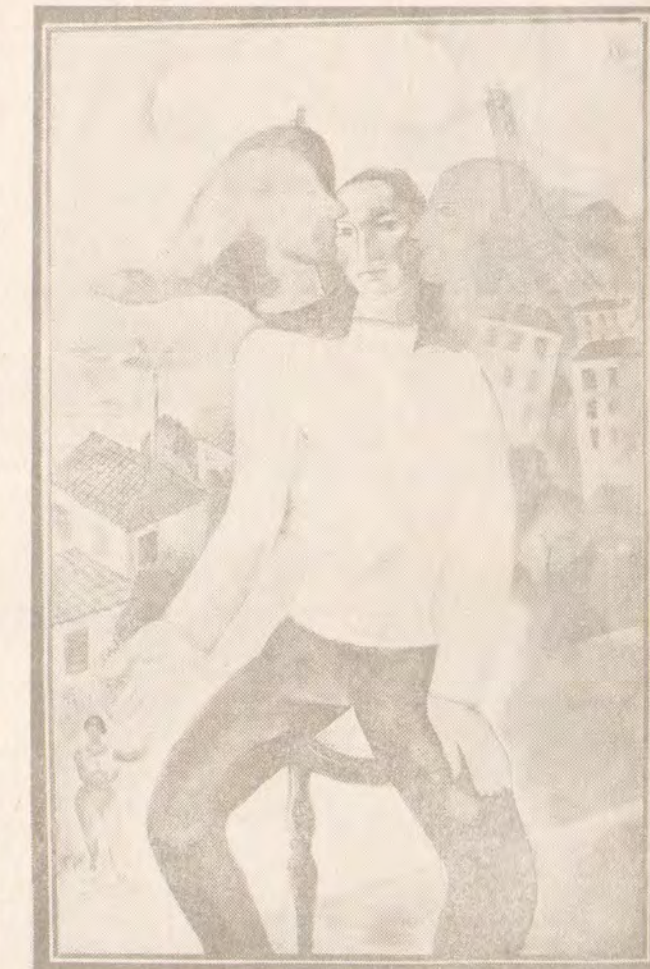
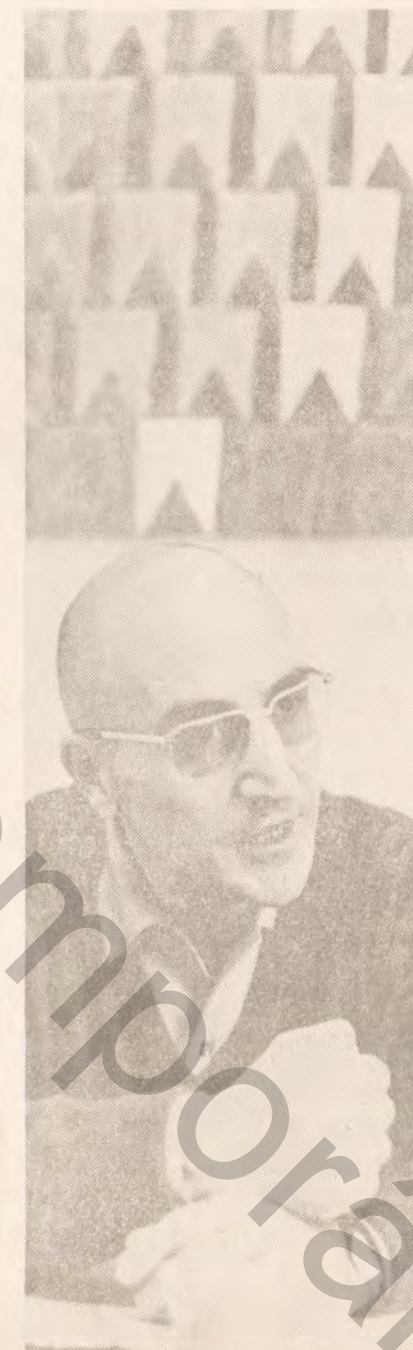
Antes um mercado restrito às galerias, as obras de arte ganharam um grande impulso com o aparecimento dos leilões especializados em artes plásticas. Com o ativamento do mercado, começaram as disputas — de um lado as galerias, achando que os leilões prejudicavam seus negócios pois inflacionavam o mercado e desprezavam o artista; de outro, os leilões, arautos de uma nova mentalidade, onde o artista seria um investimento igual à sua obra

UM LANCE COM MUITA BRIGA

ALBERTO BEUTTENMULLER



no acervo da Collectio, obras de Di Cavalcanti, Portinari e Pancetti



O quadro mais caro vendido no Brasil é de autoria de Ismael Néri e foi arrematado num leilão

José Paulo Domingues, da Collectio, defende os leilões e adianta que sua organização vai abrir também uma galeria

A galeria ataca

O leilão se defende

São Paulo (Sucursal) — Na opinião de José Paulo Domingues, um dos donos da Collectio,

Para outubro, a Collectio realizará uma exposição de arte moderna brasileira — 50

A galeria ataca

São Paulo (Sucursal) — Algumas galerias estão em guerra declarada aos leilões — a acusação é de que estão perdendo o mercado, face à irresponsabilidade dos leiloeiros em lançar obras de arte a preços muito reduzidos ou então muito altos. Os leilões, mundanos, mais comunicativos, mais emocionantes, na realidade, estão transformando o mercado de arte paulista.

Uma das que mais reclama é Dona Malvina, proprietária da Galeria Portal. Ela acha que está sofrendo grandes prejuízos com o aparecimento dos leilões: "A Collectio, por exemplo, escolhe até datas coincidentes com as nossas exposições."

Uma das maiores autoridades em artes plásticas em São Paulo, o professor Pietro Maria Bardi, diretor do Museu de Arte, observa que muitas galerias estão substituindo as boutiques da Rua Augusta com inegáveis prejuízos para o artista e a arte, já que o seu pessoal desconhece o mercado e visa somente ao lucro. Segundo o professor, estas galerias estariam fadadas a desaparecer. As outras, entretanto, estariam imunes à concorrência dos leilões.

— Em Londres, por exemplo, o mercado de arte dá para todos. Há um

sem-número de galerias e antiquários e 12 leiloeiros oficiais. "Creio que nunca houve problemas desta natureza", lembra o professor Bardi.

Gregory, um dos donos da Galeria Chelsea, acha que os leilões não atrapalham o mercado de arte, "ao contrário, criam público para elas e também para nós". Colada à Galeria Portal, a Chelsea possui hoje dois prédios dividindo a Avenida Paulista e segundo seus proprietários "tudo vai indo muito bem."

Já a Portal vive quase que das glórias de suas exposições iniciais: a de Picasso, em comemoração aos seus 90 anos, por exemplo, foi um grande sucesso. Dona Malvina acredita que os leilões acabarão por matar as galerias, já que inflacionam o mercado com preços inadequados, fazendo com que os compradores se retraiam — "Os artistas expostos em leilões quase sempre duplicam o seu valor. Sou obrigada a esconder o dia de um vernissage para que a Collectio não marque um leilão para o mesmo dia. Há um interesse já declarado da Collectio em derrubar o nosso mercado, principalmente o da Portal."

Algumas galerias, como a Primitiva Art, no entanto, aderiram aos leilões. Seus proprietários estão satisfeitos com

os resultados do último leilão, quando venderam quadros *naifs* junto com grandes nomes da pintura brasileira, como Tarsila, Malfatti, Bonomi, Aldemir Martins, Grassman, Mário Gruber e Cláudio Tozzi.

UMA PREVISÃO

Há quem diga que São Paulo se transformou em um excelente mercado de arte em razão da fuga dos investidores no mercado de capitais. O fato é que em São Paulo tornaram-se moda os leilões de arte. Eles movimentaram o mercado, dando uma injeção de animo nos compradores. A concorrência aumentou e as galerias, ao que tudo indica, terão que se adaptar às novas exigências do mercado.

— O grande beneficiado com isto — diz Pietro Maria Bardi — será o artista, que terá um campo maior de compradores e não ficará mais dependendo de uma única fonte de venda. Resistirão os que tiverem mais conhecimento do mercado e da obra de arte. O colecionador brasileiro já sabe distinguir o que é e o que não é bom. A concorrência será uma ótima selecionadora do mercado.



Para Malvina, da Galeria Portal, os leilões só trazem prejuízo



Gregory, da Galeria Chelsea de São Paulo, é favorável aos leilões

São Paulo (Sucursal) — Na opinião de José Paulo Domingues, um dos donos da Collectio, os leilões, tão criticados pelas galerias de arte em São Paulo, criaram uma "nova linguagem no mercado, uma linguagem tipicamente empresarial, que fala diretamente para a atual geração, uma linguagem em que não há lugar para o artificialismo de vernissages nem para *marchands* e *experts*."

A Collectio descobriu diversos valores novos, que antes estavam marginalizados, à espera de que uma galeria lhes oferecesse a esmola de uma exposição, e os colocou no mercado.

— Fizemos uma reviravolta no mercado de arte. Mesmo na forma de pensar daqueles que, muitas vezes sem condições, despreparados para o mercado, atuavam no setor. A galeria deve complementar a função dos leilões e seu objetivo deveria ser descobrir novos valores. Depois que leiloamos um quadro de Ismael Néri por Cr\$ 276 mil, era o caso de as galerias realizarem uma exposição do pintor e não cruzarem os braços como fizeram.

Na opinião de José Paulo Domingues, está faltando às galerias capital de giro e visão comercial. O investimento num artista é muito importante, seja um da nova geração ou um esquecido. No momento, a Collectio está investindo principalmente em dois jovens, Paulo Roberto Leal e Humberto Espindola, o primeiro carioca, e o segundo de Mato Grosso. Dentro de um plano comercial, a Collectio enviou um crítico em viagens pelo Brasil, de Norte a Sul, escolhendo obras e novos nomes para criar-lhes um mercado.

UMA GALERIA

A Collectio não ficará apenas fazendo leilões, mas abrirá a Galeria Collectio, na Avenida Brigadeiro Luís Antônio, n.º 4.763, próxima ao Ibirapuera, para uma exposição importante de obras de Sérgio Camargo, no segundo semestre deste ano.

Para outubro, a Collectio realizará uma exposição de arte moderna brasileira — 50 Anos Depois — sob a orientação do crítico Roberto Pontual, para mostrar a criatividade brasileira desde um dos famosos impressionistas brasileiros — E. Visconti — até os novos artistas da atual geração, reunindo obras de todas as partes do país.

O CRESCIMENTO

José Paulo Domingues diz que demonstrou aos céticos que há um grande mercado de arte no Brasil. Os dados, segundo o diretor da Collectio falam melhor do que as palavras.

O primeiro leilão realizado pela Collectio foi em janeiro de 1970, quando houve um faturamento de Cr\$ 50 mil. Em março desse ano já havia um crescimento palpável, pois a renda foi de Cr\$ 110 mil. No final de 1970, o faturamento havia sido multiplicado por quatro, chegando a Cr\$ 200 mil.

No ano passado, a Collectio realizou 11 leilões, variando seu faturamento entre Cr\$ 300 mil no primeiro, e Cr\$ 870 mil, no último. Mas neste ano houve uma surpresa ainda maior. No leilão realizado em março foram alcançados Cr\$ 2.130 mil e em abril este recorde foi batido — Cr\$ 2.300 mil.

— A procura tem aumentado ainda mais. Conseguimos fazer com que 70% dos compradores aumentassem. Criamos mercado também para os outros, pois a Bolsa de Arte do Rio realizou um leilão aqui em São Paulo conseguindo Cr\$ 1.800 mil, cifra nunca vista anteriormente.

A Collectio está emprestando à Petite Galerie, no Rio, cerca de Cr\$ 800 mil em obras, para sua próxima exposição. Tudo isso, o diretor da Collectio afirma numa sala onde só há quadros de Portinari, Di Cavalcanti e Pancetti, no valor total de Cr\$ 3 200 mil.

— Era preciso uma nova linguagem no mercado de arte e a Collectio conseguiu, foi só isso.